

**UNIVERSIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO E DA
REGIÃO DO PANTANAL - UNIDERP**

JOSÉ CARLOS MARQUES

**O EFEITO DA CRISE DO AGRONEGÓCIO NA ECONOMIA DE TRÊS
MUNICÍPIOS MATOGROSSENSES: CAMPO VERDE, PARANATINGA
E PRIMAVERA DO LESTE**

CAMPO GRANDE - MS

2007

JOSÉ CARLOS MARQUES

**O EFEITO DA CRISE DO AGRONEGÓCIO NA ECONOMIA DE TRÊS
MUNICÍPIOS MATOGROSSENSSES: CAMPO VERDE, PARANATINGA
E PRIMAVERA DO LESTE**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em nível de Mestrado Profissionalizante em Produção e Gestão Agroindustrial da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal – UNIDERP como parte dos requisitos regulamentares do curso.

Comitê de orientação:

Prof. Dr. Bruno Ricardo Scheeren

Prof. Dra. Andréa Ferraz Fernandez

Prof. Dr. Luis Eustáquio Lopes Pinheiro

CAMPO GRANDE - MS

2007

FOLHA DE APROVAÇÃO

À pequena mas, valorosa equipe que enriqueceu minha vida:

Minha esposa Deise;

Meus filhos Gabriela e Matheus.

Minha família, meu refúgio, meu nicho e meu mundo encantado...

A vocês, dedico este estudo com muito amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

A DEUS por esta conquista, acreditando que possa retribuir através de competência, generosidade e contribuição à comunidade.

Quero de agradecer particularmente ao Prof. Dr. Bruno Ricardo Scheeren, pois seu apoio incondicional como orientador proporcionou-me a oportunidade de criar e testar as idéias estabelecidas no decorrer da elaboração desta dissertação.

Aos meus co-orientadores, Doutores Andréia Ferraz Fernandez e Luiz Eustáquio Pinheiro Lopes Pinheiro pela atenção, dedicação e carinho com que sempre me atenderam.

À contribuição de todos os professores do curso que me beneficiaram com uma ampla variedade de informações. Minha dívida intelectual para com todos e muitos outros é substancial.

Aos colegas de curso que me acolheram e ajudaram no dia-a-dia com apoio em diversas situações, aos colegas Marcelo, Marnilce, Kennedy e Coronel Ivan, por dividirmos nossas dificuldades e alegrias das longas viagens de Primavera do Leste a Campo Grande.

Ao apoio e incentivo das Faculdades Unicen na pessoa do diretor Dr. João Roberto Hatch de Medeiros.

O apoio e a colaboração dos entrevistados de cada município que indiscutivelmente se propuseram a fornecer os dados que levaram a concluir este trabalho. A todos o meu mais sincero agradecimento.

A todos, sem exceção, obrigado.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	8
RESUMO	9
ABSTRACT	10
1. INTRODUÇÃO	11
2. REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1. Ciclos econômicos no Brasil.....	13
2.2. Soja	15
2.2.1. Formação de preço da soja.....	17
2.2.2. Política cambial X preço da soja	18
2.3. Crise.....	20
2.4. Agronegócio	21
2.5. Crise x agronegócio	25
3. MATERIAL E MÉTODO	31
3.1. Material.....	31
3.1.1. Prefeituras municipais	32
3.1.2. Empresas	32
3.2. Método	35
3.3. Limitações do estudo	35
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	37
4.1. Caracterização dos municípios	37
4.2. Receitas municipais	38
4.3. Despesas municipais	41
4.4. Materiais de construção	43
4.5. Imóveis	44
4.6. Móveis e eletrodomésticos	45
4.7. Compra e venda de produtos e insumos agropecuários	46
4.8. Comercialização de peças, máquinas e implementos agrícolas	46
4.9. Prestação de serviços	46
4.10. Discussão.....	47
4.10.1. Município de Campo Verde	47

4.10.2. Município de Paranatinga.....	48
4.10.3. Município de Primavera do Leste	49
4.10.4. Considerações finais	49
5. CONCLUSÕES	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
APÊNDICE	57

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Índices de área plantada com soja e com agregados de lavouras de 1990 a 2003	16
FIGURA 2 – Fluxograma de causalidade no mercado de soja.....	17
FIGURA 3 – Comportamento do dólar 2003 a 2006.	19
FIGURA 4 – Balança comercial agronegócio brasileiro	23
FIGURA 5 – Produtividade de soja dos estados em relação à média brasileira	23
FIGURA 6 – Produtividade do algodão dos estados brasileiros (arrobas/ha) média de 05 anos	24
FIGURA 7 – Custo por hectare de fertilizantes no Mato Grosso	26
FIGURA 8 – Custo por hectare com a ferrugem no Mato Grosso	27
FIGURA 9 – Principais incrementos nos custos de produção da soja no período de 00/01 a 05/06 no Mato Grosso	28
FIGURA 10 – Custo total do hectare em sacas de soja de 60kg em Primavera do Leste.....	29
FIGURA 11 – Evolução das receitas do município de Campo Verde - 2003 a 2005	39
FIGURA 12 – Evolução das receitas do município de Paranatinga - 2003 a 2005 ...	40
FIGURA 13 – Evolução das receitas do município de Primavera do Leste - 2003 a 2005	41
FIGURA 14 – Comparativo das receitas e despesas do município de Campo Verde - 2003 a 2005.....	42
FIGURA 15 – Comparativo das receitas e despesas do município de Paranatinga - 2003 a 2005	42
FIGURA 16 – Comparativo das receitas e despesas do município de Primavera do Leste - 2003 a 2005.....	43

RESUMO

A atividade agrícola no Brasil sempre se pautou pela necessidade do mercado externo, tanto que o país desde o início de sua colonização veio se desenvolvendo por meio dos ciclos econômicos, tais como: pau-brasil, ouro, borracha, café e soja. No entanto, por ter uma forte dependência do mercado externo, no atual ciclo da soja, mais uma vez o país enfrenta crises neste setor. Face ao exposto, este estudo visou analisar os efeitos da crise do agronegócio na economia de municípios matogrossenses: Campo Verde, Paranatinga e Primavera do Leste. As variáveis analisadas foram: as arrecadações, os índices de desemprego, inadimplência e vendas. A metodologia utilizada fundamentou-se no estudo múltiplo de casos com ênfase na pesquisa exploratória-qualitativa. Os dados foram coletados por meio de entrevista semi-estruturada e pesquisa documental, em alguns setores da economia destes municípios (materiais para construção, imóveis, prestação de serviços, comércio e órgãos públicos). Os resultados levaram a constatar semelhanças como: aumento da taxa de desemprego, inadimplência, diminuição das vendas, redução no valor dos imóveis, dos aluguéis, dos gastos públicos e no ritmo de crescimento. Portanto, a crise do agronegócio afetou a maioria dos setores econômicos que dependem do mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Agronegócio, ciclo econômico, soja, crise do agronegócio.

ABSTRACT

The agricultural activity in Brazil has always needed the external market. So, the country, since the beginning of its settling, has been developing by economic cycles such as: Pau-Brasil (a king of wood), rubber, coffee and soy. However, for having a strong dependence on the external market, in the current cycle of the soy, once again the country faces crises in this sector. Facing this, this study aimed to analyze the effects of the crisis in the agricultural business on the economy of three cities in Mato Grosso: Campo Verde, Paranatinga and Primavera do Leste. Was analyse: rate of unemployment, insolvency and sales level. The methodology used was based on the multiple study of cases with emphasis in exploratory-qualitative research. The data were collected by half-structuralized interview and documentary research, in some sectors of the economy of these cities (construction supplies, real state, rendering of services, commerce and public agencies). The results led to evidence similarities small cities such as: increase of the unemployment rate, insolvency, reduction in sales, reduction in the value of real state, rents, public expenses and in the rhythm of growth. Therefore, the crisis of the agricultural business affected the majority of the economic sectors that depend on it.

KEY WORDS: Agricultural business, economic cycle, soy, crisis of the agricultural business.

1. INTRODUÇÃO

É inevitável observar que o mundo contemporâneo vem passando por inúmeras e intensas transformações e a única certeza que ainda pondera é a das mudanças, tais mudanças surgiram após a Revolução Industrial, quando as pessoas foram sendo agrupadas em empresas e conseqüentemente, migrando para cidades. Como conseqüência o campo passou a desempenhar um papel diferenciado do até então exercido, onde foram sendo descobertos interesses profissionais comuns, enfim a se organizar. Nesse sentido, pode-se argumentar que este processo representou um grande avanço, tanto em termos empresariais como sindicais, gerando emprego, renda e divisas; produzindo, transformando e desenvolvendo tecnologias para o desenvolvimento e crescimento do país (NOGUEIRA, 2005).

De acordo com um estudo da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil) e do CEPEA/USP (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo) realizado em 2005, o PIB (Produto Interno Bruto) do setor agropecuário caiu 0,61% nos primeiros meses do ano de 2005 em comparação com o resultado consolidado do final de dezembro de 2004. Apenas em fevereiro de 2005 a queda do PIB da agropecuária foi de 0,58%. Esses dados mostram que a agropecuária brasileira vem enfrentando o segundo ano consecutivo de perdas e de queda na renda. Os dados acumulados do primeiro bimestre permitiram verificar que o PIB da atividade agropecuária encerrou o ano de 2005 com R\$ 154,91 bilhões, 3,7% a menos que os R\$ 160,65 bilhões do ano passado. Em 2003, o PIB da agropecuária foi de R\$ 162,06 bilhões (AGRONLINE, 2005).

Ainda, cabe destacar os dados do faturamento dos 25 principais produtos da agropecuária nacional, medidos por meio do conceito do VBP (Valor Bruto da Produção), os quais provam a crise no setor rural. De janeiro a março, o faturamento bruto do setor caiu 13,6%, comparando com igual período de 2004. Isso permitiu estimar que o VBP da produção agropecuária brasileira foi de R\$ 169,9

bilhões este ano, frente R\$ 196,6 bilhões, no ano passado. A queda no faturamento deveu-se, principalmente a queda da produção e redução dos preços médios reais. No caso da soja, o VBP foi estimado em R\$ 24,99 bilhões para 2005, 38,1% a menos que os R\$ 40,3 bilhões do ano passado, resultado da queda dos preços médios e a produção de grãos ficou estagnada em torno de 50 milhões de toneladas, nas últimas duas safras (AGRONLINE, 2005).

Como se constatou, o produtor rural é o principal prejudicado, pois vem enfrentando dificuldades para honrar seus compromissos, mas também a sociedade começa a sentir os reflexos dessa crise, com a queda na contratação de mão-de-obra. Mantendo-se este estado, o impacto será a redução do plantio na próxima safra, levando à queda da oferta de alimentos e o aumento dos preços dos produtos da cesta básica. Haverá como efeito, retração da compra de insumos, fertilizantes, agroquímicos e maquinários agrícolas (PAGINARURAL, 2005). Em adição, a sobrevalorização cambial, contribui na geração de resultados negativos para o campo. Cerca de 20% da produção da agropecuária é exportada, e com o dólar desvalorizado, o resultado final é a renda menor para o produtor (CNA, 2005).

Em decorrência desses problemas na produção agropecuária, já é possível perceber o aumento do desemprego, em Rondonópolis e região. O índice saltou dos históricos 14%, para algo em torno de 39%. O comércio já se ressentiu de uma queda de 30% nas vendas, comparado com o mesmo período no ano passado e, o índice de inadimplência registrado pelos institutos de controle de crédito, passa por números em alta contínua (PAGINARURAL, 2005). Só em Mato Grosso, já existem onze municípios em estado de emergência, reconhecidos pela Defesa Civil e aprovados pelo Governo estadual, em razão da crise do setor de produção rural.

O cenário revelado chama a atenção pela relevância destacada e pelo resultado negativo que aponta. Assim, o presente trabalho objetivou analisar os efeitos da crise do agronegócio na economia de três municípios mato-grossenses (Campo Verde, Paranatinga e Primavera do Leste), cujas economias apresentam algumas características comuns: são municípios relativamente jovens, com características climáticas semelhantes e a economia baseada fundamentalmente no agronegócio.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Ciclos econômicos no Brasil

A importância estratégica do setor agrícola como mecanismo de crescimento econômico no Brasil, tem sido demonstrada respectivamente desde os anos de 1500 com os primeiros empreendimentos experimentais. Assim, pode-se afirmar que a economia brasileira sofreu ao longo de sua formação, forte influência do agronegócio, quase sempre, considerado fundamento de sustentabilidade da economia, pautado nos vários ciclos econômicos, os quais tiveram momentos de glória e crise. Exemplo disso, foram os ciclos do pau-brasil, do gado, do açúcar, do fumo, do ouro e diamante, do algodão, da borracha, do café, do cacau e, mais recentemente, da soja (BRUM, 2002).

Para Baer (2002), a exploração do pau-brasil pelos primeiros comerciantes portugueses marcou o início da longa (e lucrativa) sucessão histórica de períodos de prosperidade, a grande maioria da qual envolvia produtos agrícolas destinados aos mercados externos. A cana-de-açúcar, o algodão, o fumo, o cacau, a borracha e o café, todos experimentaram períodos de desenvolvimentos e fracassos frenéticos.

Como se observa, as atividades econômicas do Brasil, desde o início da colonização, foram predominantemente dirigidas para a exportação. No decorrer de mais de quatrocentos anos a economia brasileira funcionou predominantemente como reflexo dos interesses externos, reagindo aos estímulos vindo de fora. Essa dependência se reflete claramente nos ciclos econômicos que caracterizam esse longo período (BAER, 2002).

Brum (2002), definiu o ciclo econômico como o período em que determinado produto, beneficiando-se da conjuntura favorável do momento, se

constitui no centro dinâmico da economia. O ciclo, na opinião de Furtado (2000), mostra a dinâmica com que um produto ascende, alcança seu apogeu e entra em declínio na pauta de exportação, sem, necessariamente, deixar de ocupar posição de destaque na fase de depressão, entre os produtos exportáveis.

O declínio apontado por Furtado (2000), é determinado por vários fatores próprios das regras do mercado, tais como:

- saturação do mercado – provocada por excesso de oferta do produto, como ocorreu com o açúcar;
- esgotamento das fontes do produto: quando se trata de produtos cujas fontes não se renovam, como foi o caso dos minerais;
- retração dos importadores – normalmente provocada por depressão econômica, epidemia, guerra ou convulsão interna, que inibem as importações.

Segundo Brum (2002), três foram os grandes ciclos que marcaram profundamente a economia brasileira: o açúcar, o ouro e o café, sucessivamente, intermediados ou concomitantes a eles, os ciclos menores do algodão, da borracha e do cacau, além do extrativismo inicial do pau-brasil. Os subciclos do gado e do fumo tiveram função complementar como auxiliares dos ciclos principais.

Em um país que já foi a terra da cana, do cacau, do café e que agora, 126 anos após a sua introdução, já merece ser reconhecido como “o país da soja”, o Brasil é a grande promessa de fornecimento do esperado incremento da demanda mundial de soja, cujo crescimento médio, nos últimos 40 anos, tem sido da ordem de cinco milhões de ton/ano (DALL’AGNOL, 2006). A tabela 1 retrata a dimensão dessa produção, comparando com as principais culturas.

TABELA 1 – Área plantada ou destinada à colheita, colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção, em ordem decrescente de valor da produção, segundo os principais produtos – Brasil – 2004

Produtos	Área plantada ou destinada à colheita (ha)	Área colhida (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Valor (1000 RS)
Soja (em grão)	21.601.340	21.538.990	49.549.941	2.300	32.627.677
Cana-de-açúcar (1)	5.633.700	5.631.741	415.205.835	73.726	12.149.902
Milho (em grão)	12.864.838	12.410.677	41.787.558	3.367	11.595.513
Arroz (em casca)	3.774.215	3.733.148	13.277.008	3.556	7.750.355
Café (beneficiado)	2.389.598	2.368.040	2.465.741	1.041	7.377.951
Algodão herbáceo (em caroço)	1.159.677	1.150.040	3.798.480	3.302	5.185.011
Mandioca (1)	1.776.967	1.754.875	23.926.553	13.634	4.954.660
Laranja	823.902	823.220	18.313.717	22.246	4.307.155
Fumo (em folha)	462.391	462.265	921.281	1.992	3.632.214
Feijão (em grão)	4.325.777	3.978.660	2.967.007	745	3.082.348
Banana	495.385	491.042	6.583.564	13.407	2.273.680
Trigo (em grão)	2.810.874	2.807.224	5.818.846	20.472	2.102.426
Batata-inglesa	142.781	142.704	3.047.083	21.352	1.719.657
Tomate	60.365	60.152	3.515.567	58.444	1.685.933
Uva	71.640	71.637	1.291.382	18.026	1.388.218

Fonte: IBGE, Diretoria de pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Produção Agrícola Municipal, 2004. (1) A área plantada refere-se à área destinada à colheita no ano.

2.2. Soja

Um, de cada quatro dólares exportados pelo complexo agroindustrial brasileiro provem da soja. Além disso, as carnes de frango e de porco que são exportadas, também podem ser consideradas provenientes da soja, com valor agregado.

Dall’Agnol (2006), afirmou que a soja agrega, anualmente, mais de 10 bilhões de dólares à balança comercial do Brasil, além de outros 50 bilhões de dólares que são gerados em benefícios indiretos representados, principalmente, por 4,5 milhões de empregos derivados de sua extensa cadeia produtiva que inclui, antes da porteira, a indústria de defensivos, de fertilizantes, de máquinas e de

implementos e, depois da porteira, as empresas de transporte, de armazenagem, de processamento e de exportação. Finalmente, deve-se falar do grande negócio que é o processo produtivo da oleaginosa dentro da porteira, onde 240.000 produtores brasileiros trabalham e vivem do cultivo da soja.

O cultivo da soja está presente em 19 Unidades da Federação, sendo que na safra 2004, os estados de Roraima e de Alagoas registraram produções da oleaginosa pela primeira vez. O Mato Grosso consolidou sua posição de principal produtor nacional, ao responder por 33% da produção (CONAB, 2006).

Brandão *et al* (2006), apontou que o crescimento agrícola recente no Brasil se caracterizou por uma forte expansão da área total plantada, rompendo com um padrão de crescimento agrícola apresentado durante toda a década de 1990. Isto se nota, especialmente, no caso da soja, que registrou um aumento na taxa média anual de crescimento da área plantada de 3,6% no período 1990/91-2000/01, para nada menos do que 13,8% entre 2000/01 e 2003/04, conforme constata-se na figura 1. Entretanto, o agregado da área total plantada com todas as lavouras, (menos soja), praticamente não mudou seu comportamento no período, passando de -3,5% para -0,7%.

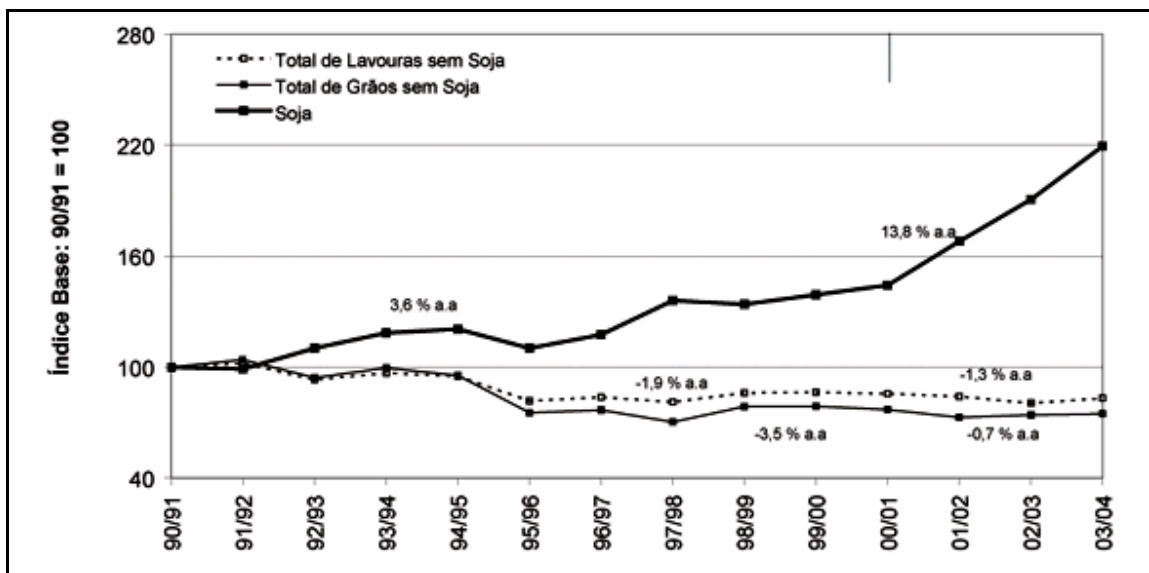


Figura 1 – Índices de área plantada com soja e com agregados de lavouras, de 1990 a 2003.

Fonte: Brandão *et al*. (2006).

2.2.1. Formação de preço da soja

A formação de preços da soja no Brasil possui forte influência das cotações da Bolsa de Chicago (*Chicago Board of Trade* – CBOT). No mercado interno, também existem causalidades de transmissão de preços entre a soja em grãos e os seus derivados (ROESSING, 2001). Na figura 2, Aguiar (1990, citado por ROESSING, 2001) apresenta um resumo das influências de preços no mercado de soja:

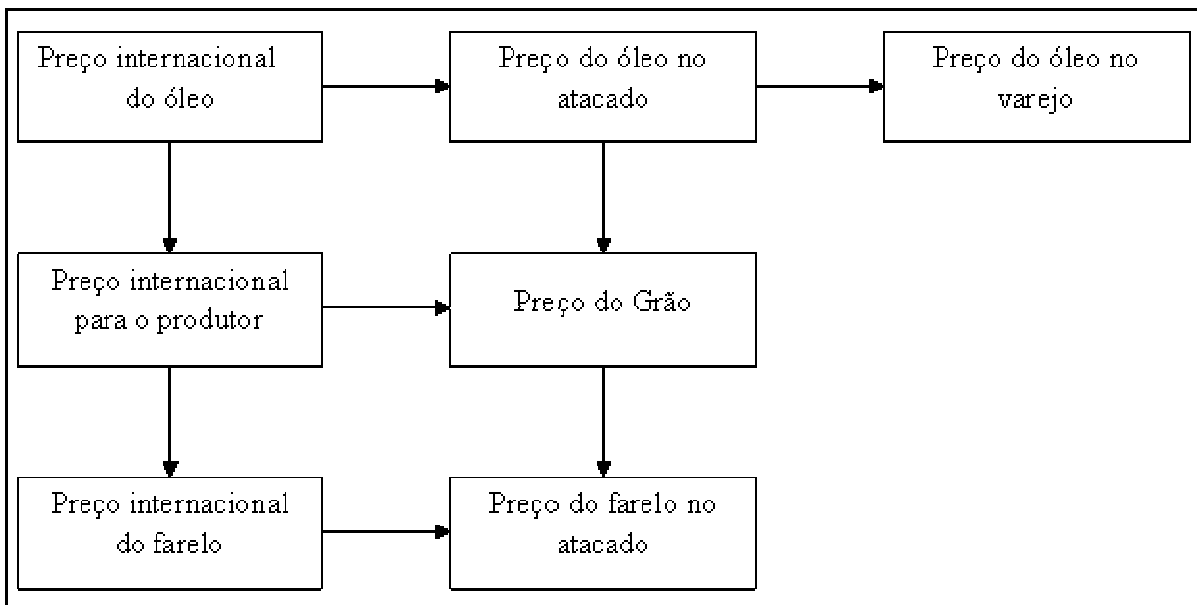


Figura 2 – Fluxograma de causalidade no mercado de soja.

Fonte: Aguiar (1990, citado por Roessing, 2001).

A relação entre a quantidade ofertada de um bem e o seu preço de mercado é dada pela Função da Oferta ou Curva da Oferta, esta relação precisa de um sentido, que é estabelecido pela Lei da Oferta. De acordo com esta lei, quanto maior for o preço de um bem, maior será a quantidade desse bem que os produtores querem produzir e vender (ofertar) no mercado. Do mesmo modo, quanto menor for o preço de um bem, menor será a quantidade ofertada. Há uma relação direta entre o preço de um bem e a sua quantidade ofertada (SILVA; LUIZ, 1996).

Por outro lado, os problemas econômicos fundamentais são: 1) que produtos produzir e em que quantidade; 2) como os produzir, isto é, através de que

técnicas devem ser combinados os fatores produtivos; 3) para quem devem ser produzidos e distribuídos os produtos (ECONOMIA, 2006).

Marques e Mello (1999, citados por OLIVEIRA, 2001), afirmaram que a formação de preços da soja, em nível mundial, começa em Roterdã (Holanda), refletindo-se para a Bolsa de Futuros de Chicago (CBOT). De lá advém a demanda pelo produto brasileiro, o qual recebe um ágio ou deságio e deduzindo-se os custos de frete, seguros e outros, chegando-se ao preço no porto de Paranaguá. Desse preço são deduzidos custos de impostos, de transportes, de seguros e outros, obtendo-se o preço de fábrica. De lá, deduzem-se novamente os fretes, despesas operacionais e outros custos, chegando-se à formação da base de preço no local da produção rural, que, com a concorrência em cada região, formará o preço final a ser oferecido ao produtor. Este preço, baixo na análise do meio rural, desencadeou um grande processo de retração nas cidades, principalmente àquelas que dependem diretamente da atividade agrícola, surgindo a crise do agronegócio.

A determinação do preço da soja leva ainda em consideração diversas variáveis, como o nível de informação do ofertante e do comprador, sendo preponderante a oferta e a demanda em nível mundial e mesmo local (OLIVEIRA, 2001). Há um consenso entre diversos autores de que o Brasil, apesar de ser um dos três maiores produtores mundiais da soja, é um tomador de preços, ou seja, não consegue ditar o preço do produto em nível internacional. Isso deve-se ao fato que, sendo a CBOT um grande sinalizador e referencial de preços da soja para o mundo, há uma grande correlação entre os preços da CBOT e os praticados no mercado interno brasileiro.

2.2.2. Política cambial X preço da soja

A política cambial está, fundamentalmente, baseada na administração da taxa de câmbio e no controle das operações cambiais. Embora indiretamente ligada à política monetária, destaca-se da política monetária por atuar

mais diretamente sobre todas as variáveis relacionadas às transações econômicas do país com o exterior (FORTUNA, 2005).

Em 15 de janeiro de 1999, o Banco Central adotou o regime de livre flutuação do câmbio. Fortuna (2005), apontou que o governo optou por deixar o dólar flutuar livremente ao sabor dos acontecimentos externos e ajustar os juros internos de acordo com sua inflação, não desequilibrando sua política fiscal e, em situações de crise fazendo intervenções, se fosse o caso, para controlar a sua volatilidade excessiva. Desse modo, quando a economia de um país sofre os efeitos da inflação, ou seja, se os custos dos produtos produzidos internamente crescem, haverá a necessidade, caso se deseje manter a competitividade desses produtos no mercado internacional, de alterar as taxas de câmbio para valores que permitam o reajuste dos preços internos aos preços externos, depois de compensado o desconto da inflação interna.

Dessa maneira, a política cambial do país exerce enorme influência no preço final da soja. Como se pode perceber na figura 3, o dólar esteve em escalada de queda contínua nos últimos anos, sendo um dos grandes responsáveis pela crise do agronegócio.

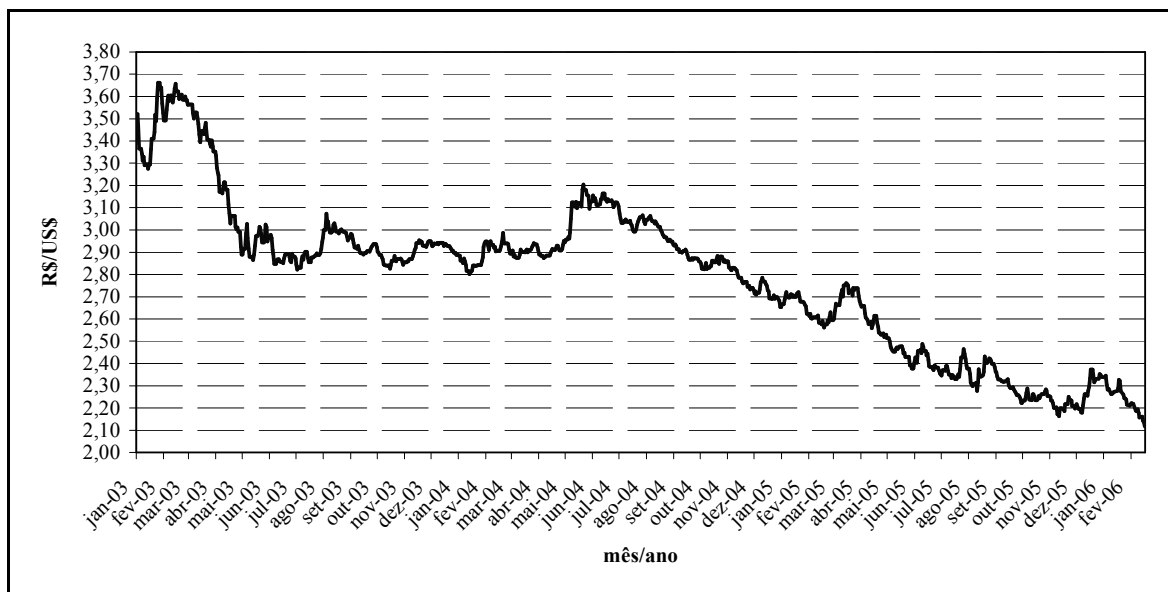


Figura 3 – Comportamento do dólar 2003 a 2006.

Fonte: CONAB (2006).

2.3. Crise

O conceito de crise é extremamente ambíguo e teve múltiplos usos, muitas vezes contraditórios (BEINSTEIN, 2005). Ao longo do século XX, gozou de períodos de enorme popularidade em contraste com outros em que a sua existência futura, como fenômeno social de amplitude e duração significativa, era quase descartada.

A origem do conceito de crise é muito remota, podendo ser situada segundo a história do ocidente, na Grécia Antiga. Foi utilizado por Tucídides em "A guerra do Peloponeso" para assinalar o momento de decisão na batalha, mas, também na evolução da peste em Atenas atravessando certos pontos de inflexão e, naturalmente, por Hipócrates, ancorando o tema na medicina onde esteve instalado com quase exclusividade durante muitos séculos nos quais apareceu timidamente em algumas reflexões sobre acontecimentos sociais (BEINSTEIN, 2005).

Por sua vez, o prêmio Nobel de economia Paul Samuelson afirmou pouco antes da crise de 1973-74: "O *National Bureau of Economics Research* trabalhou tão bem que de fato eliminou uma das suas próprias tarefas principais, a saber: as flutuações cíclicas" acrescentando que "Graças ao emprego apropriado de políticas monetárias e fiscais o nosso sistema de economia mista pode evitar os excessos dos *booms* e das depressões e desenvolver um crescimento são e sustentado" (MANDEL, 1978 citado por BEINSTEIN, 2005). Mas, antes da Primeira Guerra Mundial, em plena hegemonia do liberalismo e da ideologia do progresso (que muitos supunham indefinido), também era subestimada a idéia de crise lançada ao museu das antigüidades anarquistas e marxistas catastrofistas. Mas o paraíso desmoronou em 1914.

Mais recentemente, nos anos 1990 do século XX, sobretudo no segundo lustro, em pleno delírio bursátil, a prosperidade dos Estados Unidos costumava ser apresentada como modelo do futuro, a matriz de um capitalismo que finalmente havia conseguido desencadear uma dinâmica de crescimento incomparável durante um longuíssimo período. Explicavam que a Revolução Tecnológica fazia subir os rendimentos e, em conseqüência, a procura, incitando

mais revolução tecnológica, aumentando a produtividade laboral e gerando novos rendimentos. Mas, o círculo virtuoso das tecnologias de ponta ocultava o círculo vicioso da especulação financeira que terminou por apodrecer completamente a mega fortaleza do capitalismo global. Esse frenesi neoliberal dos idos de 1990 foi abençoado nos seus princípios por personagens como Francis Fukuyama, o qual informava que o mundo estava entrando não só numa era sem crises significativas como também no mesmíssimo "fim da história" (FUKUYAMA, 1990 citado por BEINSTEIN, 2005).

Para Beinstein (2005), além das utilizações individuais ou para fenômenos de pequena dimensão humana (grupais, etc.), quando se entra nos grandes processos sociais, pode-se distinguir "crises" extremamente breves de outras de longa duração (décadas, séculos), diferenciando-se também as crises de baixa intensidade de outras que sacodem profundamente a estrutura. Também pode-se distinguir aquelas causadas pela própria dinâmica do sistema em causa, ou seja, com causas endógenas, das provocadas por fatores externos ao mesmo (causas exógenas).

Certo reducionismo econômico limita as crises ao momento de mudança de fase do ciclo, quando se passa da etapa de crescimento à de recessão, deixando de lado as turbulências sistêmicas que se prolongam muito mais além desses momentos, como é o caso do agronegócio.

2.4. Agronegócio

O agronegócio, equivalente ao termo *Agribusiness*, conforme definido por Davis e Goldberg (1957), citados por Brandão e Medeiros (1998), deve ser entendido como sendo a soma das operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas, das operações de produção nas unidades agrícolas, do armazenamento, do processamento e distribuição dos produtos agrícolas e itens produzidos a partir deles. Assim, o agronegócio pode ser entendido como a cadeia

produtiva que envolve desde a fabricação de insumos, a produção nas fazendas, a sua transformação até o seu consumo.

Para haver produção agropecuária e o produto chegar ao consumidor é necessário, de acordo com Araújo (2005), que apareça uma série de atividades sociais, agronômicas, zootécnicas, agroindustriais, industriais, econômicas, administrativas, mercadológicas, logísticas e outras. Dessa forma, a produção agropecuária deixou de ser coisa unicamente de agrônomo, de veterinários, de agricultores e pecuaristas, para ocupar um contexto muito complexo e abrangente, o de “cadeia produtiva”, referindo-se às empresas industriais cujos produtos têm como base um produto agrícola (ECONOMIA, 2006).

Zylbersztajn e Neves (2000), enfatizaram que “o sucesso e difusão do conceito de agronegócio resultou do fato de o conceito de *agribusiness* ser de aplicação imediata para a formulação de estratégias corporativas, sem muita necessidade de suporte teórico de natureza complexa” ou de o conceito de cadeia (*filière*) aplicado ao estudo da organização agroindustrial não ser amplo o suficiente.

O fato é que o agronegócio responde atualmente por 40% do PIB brasileiro e, em alguns estados, é ainda maior, como por exemplo, o Mato Grosso que tem 70% do seu PIB vinculado direta ou indiretamente ao agronegócio (VETTORATO, 2006). Isso implica dizer que as relações do agronegócio no Estado, não estão compreendendo a cadeia produtiva completa, por exemplo, a soja, cerca de 70% é exportada em *commodities* (VETTORATO, 2006), sendo assim, junto com o algodão e outros produtos, ela é um dos principais responsáveis pelo superávit de US\$ 29 bilhões da balança comercial brasileira, conforme ilustrado na figura 4:

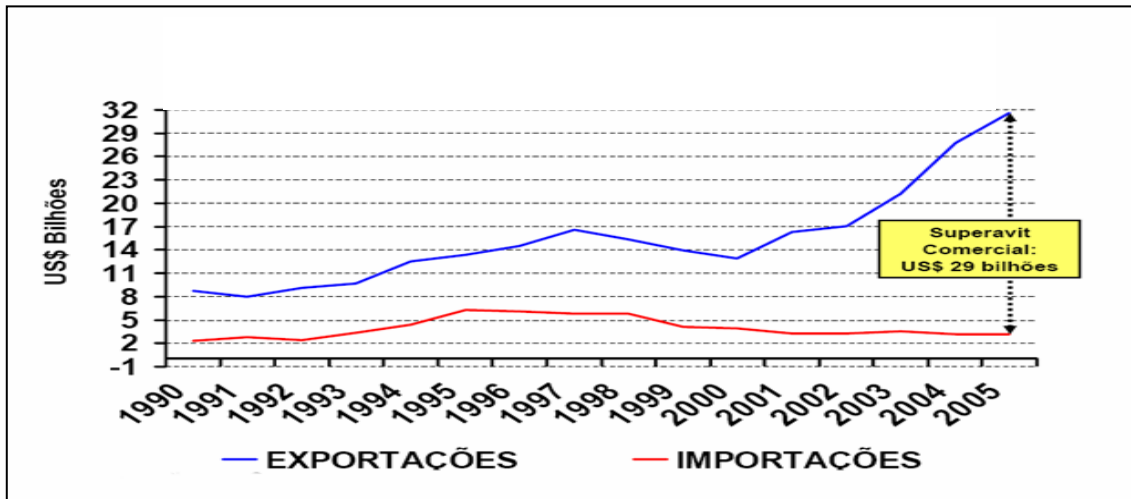


Figura 4 – Balança comercial agronegócio brasileiro.

Fonte: ÍCONE, 2006.

Ainda no Mato Grosso, a soja representa uma parte substancial da economia do estado, respondendo por 71,29% da área total explorada com agricultura. A área colhida com essa oleaginosa foi de 3,8 milhões de ha na safra 2001/2002, representando 23,37% da área colhida no Brasil e 5,2 milhões de hectares na safra 2003/2004, representando 24,44% da área colhida no país (CONAB, 2006).

O estado é também responsável por 8% da soja mundial e de 33% da produção brasileira (CONAB, 2006), tendo a melhor média de produtividade do Brasil (17,1% acima da média nacional), conforme figura 5:

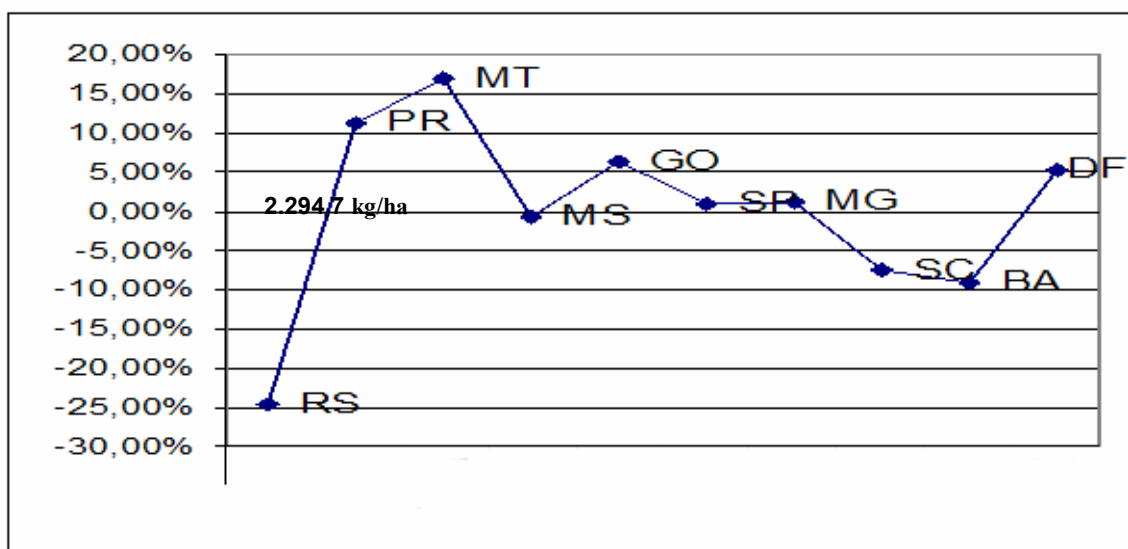


Figura 5 – Produtividade de soja dos estados em relação à média brasileira.

Fonte: CONAB, 2006; APROSOJA, 2006.

Também é destaque na produção do algodão, sendo o maior produtor nacional e possuindo a melhor média do país (216,8 arrobas por hectare), conforme ilustrado na figura 6:

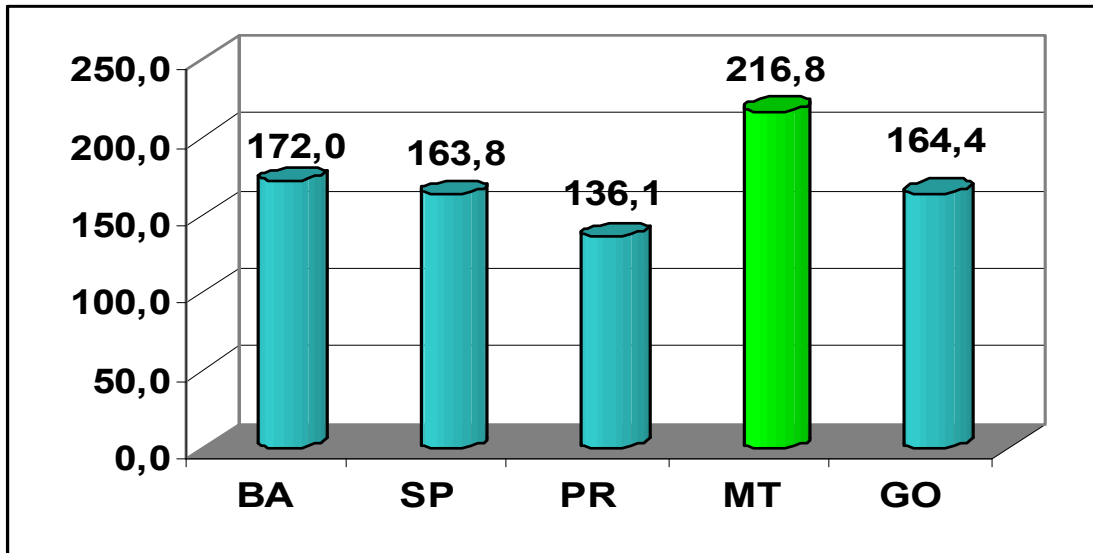


Figura 6 – Produtividade do algodão dos estados brasileiros (arrobas/ha) média de 05 anos.

Fonte: CONAB, 2006.

Nesse contexto, cabe destacar que o Estado do Mato Grosso, começou a despontar no cenário brasileiro a partir do avanço da frente pioneira paulista, em meados do século XX. Desde então, com a entrada de agricultores paranaenses e gaúchos, o estado vem se desenvolvendo com base na agropecuária, sendo que em anos recentes com programas de incentivos, pesquisas e pioneirismo (PRODUTOR RURAL, 2006), avançou e muito na modernização destes setores de produção, além de ações de integração da região aos outros mercados, elementos que tiveram importantes conseqüências em sua dinâmica demográfica e no processo de redistribuição espacial da população.

Esta ação estatal explicita-se através da preocupação de integração nacional do regime militar, o que justifica os representativos investimentos em grandes projetos agropecuários, o Araguaia, o Mato Grosso e a Amazônia foram invadidos pelos grandes grupos econômicos através dos projetos agropecuários (CUNHA, 2006). O autor apontou ainda que a intervenção do governo foi realizada, principalmente através do Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste – PRODOESTE, efetivado pela ação da Superintendência do Desenvolvimento da

Amazônia – SUDAM, no qual muitos grupos empresariais beneficiaram-se em diversos aspectos do processo de ocupação da fronteira amazônica.

Posteriormente, ocorreu uma articulação entre estado e detentores de representativos volumes de capital, realizando incentivos para que estes pequenos produtores se engajassem em projetos de colonização, característicos da década de 1980, em substituição aos grandes projetos agropecuários da década de 1970. Diante disso, pode-se observar que os anos 80 caracterizaram-se pela realização desses projetos de colonização, baseados em assentamentos de famílias em pequenas propriedades e executados por empresas públicas e privadas. Nesse contexto, a abertura dos grandes eixos rodoviários, especialmente a BR-163 Cuiabá-Santarém (1971-1976), foi um marco representativo da efetiva implantação dos projetos de colonização (CUNHA, 2006).

2.5. Crise x agronegócio

Menegheti (2006), apontou que a safra 2004/05 interrompeu um ciclo expansionista de cinco anos da produção brasileira de grãos, saindo de 37,3 milhões de ha para 48.878,1 milhões de ha. O Mato Grosso detinha a maior taxa de expansão, cerca de 15% anuais nos últimos 10 anos. Enquanto, o custo de produção estava em escalada ascendente, o preço de venda do produto, por sua vez tendo o preço atrelado ao Dólar que estava em uma escalada inversa, selou a crise no setor.

Outro pesadelo para o setor fora a trajetória de valorização do real e desvalorização do câmbio a partir de setembro de 2004. A combinação destes fatores fez com que os agricultores realizassem diversas manifestações por todo o país, que culminou com o tratorado em Brasília no mês de junho de 2005, levando incertezas e reivindicações ao governo federal. Os dados da CONAB (2006), para o Mato Grosso, indicam que o binômio estadual soja-boi tem prevalecido ao longo das duas últimas décadas como o principal esteio da vida econômica do estado. A produção de grãos no Centro Oeste teve um incremento de 117,42% entre 1990 e

2003. O desempenho mais notável, do ponto de vista da produção no período foi o da soja. A oleaginosa saltou de uma produção de pouco mais de 9.743 milhões de toneladas em 1990/1991 para mais de 23.300 milhões de toneladas em 2004/2005. Em 2005/2006 a produção foi de pouco mais de 22.200 milhões de toneladas, em função de problemas climáticos e da economia.

Também, para Menegheti (2006), o ciclo de crescimento foi interrompido, devido a alguns fatores como a diminuição no número de aquisição de áreas, de investimentos em tecnologias e aquisição de maquinários. O grande fator gerador desta crise foi que entre a aquisição de insumos e a colheita da safra, houve a valorização da moeda brasileira que fez com que empresários pagassem maior quantidade de reais no momento de produzir e recebesse menos na venda, conforme ilustra a figura abaixo. O aumento do custo da produção decorrente, principalmente pelos fertilizantes (figura 7) e os defensivos usados no controle da ferrugem asiática (figura 8):

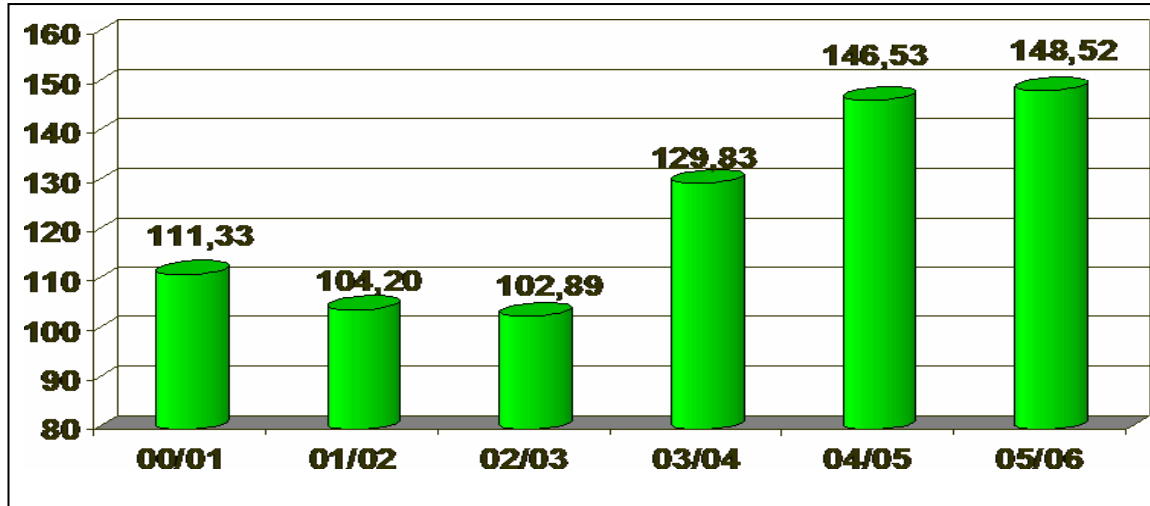


Figura 7 – Custo por hectare de fertilizantes no Mato Grosso.

Fonte: IMEA, 2006.

Um levantamento da CNA apontou aumentos de 101%, entre 2001 e 2004 no adubo (02.20.20), de 85% no sulfato de amônia, de 95% na uréia e de 95% no valor de uma colhedeira TC 57, enquanto a inflação registrada no período foi de

28%. Por outro lado, o valor médio recebido pelos produtores em 2005 caiu 20% no algodão, 30% na soja e 13% no arroz (MENEGHETI, 2006).

Além do aumento no custo dos insumos agrícolas ocasionado pelo aumento do dólar, outro fator, a ferrugem, contribuiu para o aumento da necessidade de uso desses insumos, tornando a produção ainda mais cara. Em alguns casos, produtores tiveram de realizar até 07 aplicações no combate à praga. A figura 8, retrata a evolução no aumento do custo com o combate da ferrugem por hectare, que passou de \$17,5 dólares na safra 2001/2002 para \$45,00 dólares na safra 2005/2006.

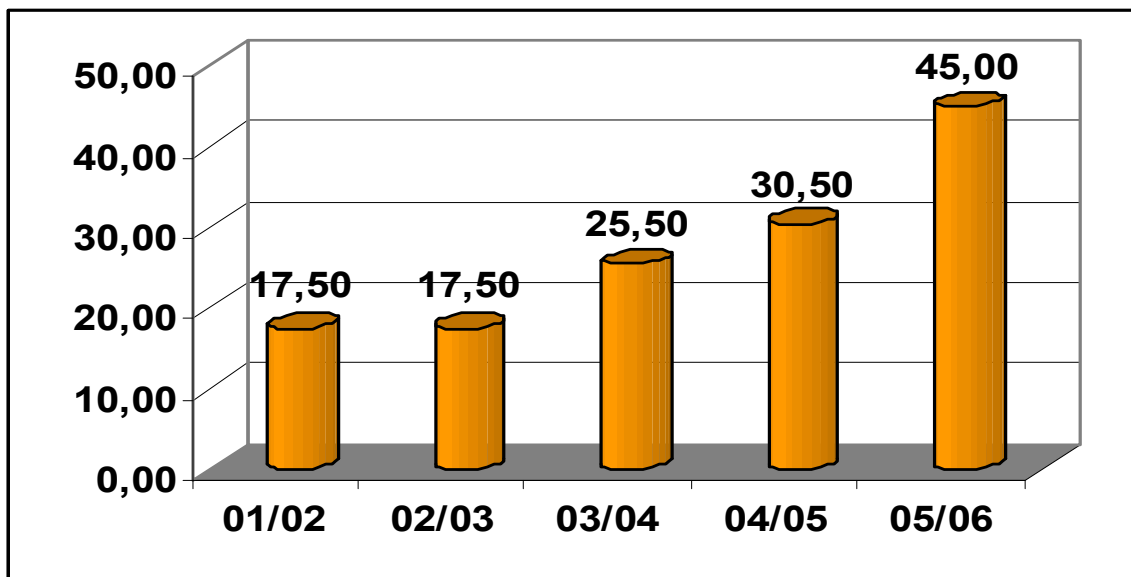


Figura 8 – Custo por hectare com a ferrugem no Mato Grosso.

Fonte: IMEA, 2006.

Assim, com o advento da ferrugem, necessitou-se de um maior volume de aplicação, o que demandou mais óleo diesel, que por sua vez, também contribuiu para o aumento dos custos. Para plantar uma área de 1.000 hectares de soja, de acordo com o Sindicato Rural de Primavera do Leste – MT (2006), são necessários as seguintes quantidades de diesel:

- 45.000 litros para cultivo, que corresponde a 23% do total;
- 135.000 litros para o frete (3.000 kg.), que corresponde a 68% do total;

- 18.000 litros para aplicação de fertilizantes (400 kg.) que corresponde a 9% do total.

Ao considerar o total de 198.000 litros consumidos ao custo por litro de diesel U\$ 0,35, preço de 10 anos atrás, gerava uma despesa total de U\$ 69.300, este mesmo volume hoje gera uma despesa de U\$ 198.000,00 pois o diesel está na faixa de U\$ 1,00 o que gera um aumento no custo de produção de R\$ 128.700,00.

A figura 9, apresenta os principais fatores que agregam custos na produção da soja e sua participação no custo, sendo os valores em dólares, óleo diesel \$27,50, ferrugem \$70, 00, fertilizante \$41,41 e frete \$162,00 perfazendo o total de \$300,91.

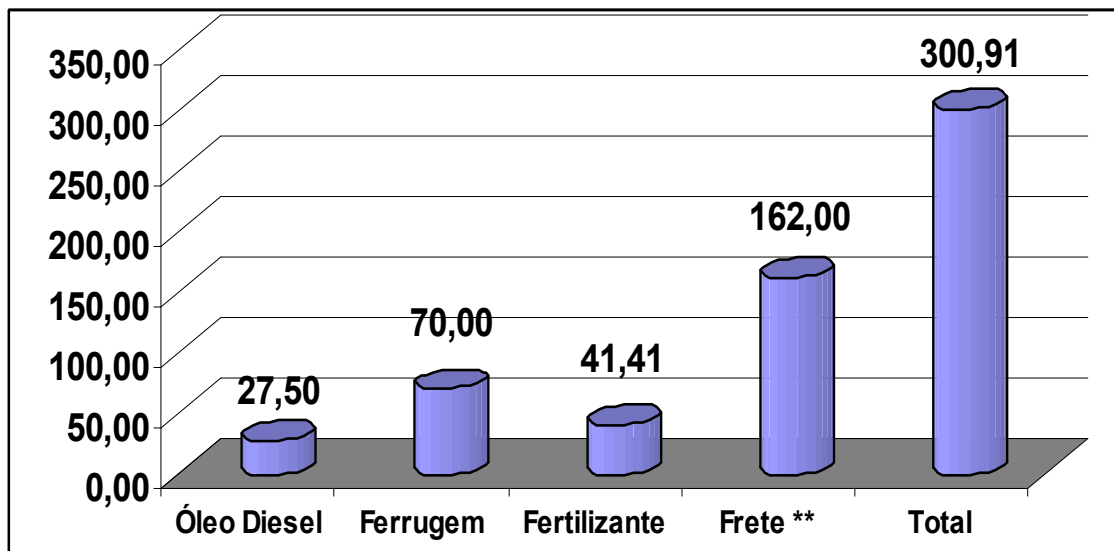


Figura 9 – Principais incrementos nos custos de produção da soja no período de 00/01 a 05/06 no Mato Grosso.

Fonte: Sindicato Rural de Primavera do Leste - MT, 2006.

** Frete: Sorriso – Paranaguá

A figura 10, mostra a evolução dos custos de produção de soja total por hectare (sacas de 60 kg em Primavera do Leste-MT) nas safras de 2001/2002 a safra 2005/2006 em escala ascendente.

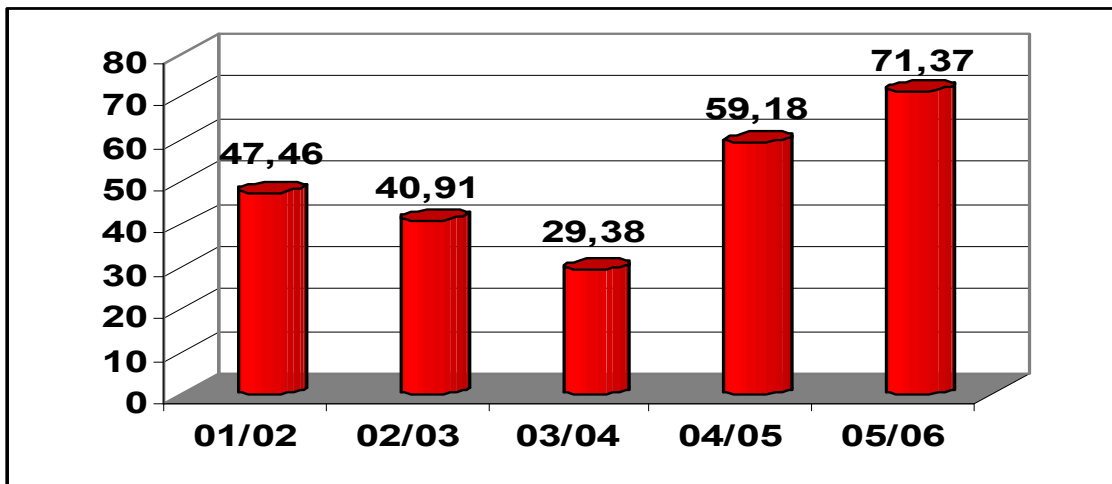


Figura 10 – Custo total do hectare em sacas de soja de 60kg em Primavera do Leste.

Fonte: Sindicato Rural de Primavera do Leste - MT, 2006.

A tabela 02, a seguir retrata a evolução do custo de produção dos estados de Mato Grosso, Goiás e Paraná. Na safra de 2002/2003 o custo de produção era R\$12,88 (saca de soja de 60 kg) e um preço de venda de R\$ 32,90 (saca de soja de 60 kg), o que garantia uma margem de R\$ 20,02 (saca de soja de 60 kg). No Mato Grosso, na safra 2003/2004 o custo de produção era R\$17,76 (saca de soja de 60 kg), e um preço de venda de R\$ 34,31(saca de soja de 60 kg), o que garantia uma margem de R\$ 16,55 (saca de soja de 60 kg) no Mato Grosso, na safra 2004/2005 o custo de produção era R\$19,68 (saca de soja de 60 kg) e um preço de venda de R\$ 24,06 (saca de soja de 60 kg), o que garantia uma margem de R\$ 4,38 (saca de soja de 60 kg) no Mato Grosso, na safra 2005/2006 o custo de produção era R\$21,80 (saca de soja de 60 kg) e um preço de venda de R\$ 19,48 (saca de soja de 60 kg), o que garantia prejuízo de R\$ 2,32 (saca de soja de 60 kg) por saca produzido no Mato Grosso.

TABELA 2 – Estimativa de margem de lucro na cultura de soja (R\$/60Kg) nas safras de 2002/2003, 2003/2004 e 2004/2005

UF	GO				MT				PR			
	02/03	03/04	04/05	05/06	02/03	03/04	04/05	05/06	02/03	03/04	04/05	05/06
Custo variável R\$/60Kg	12,80	18,22	19,66	22,36	12,88	17,76	19,68	21,80	11,54	16,09	17,12	17,97
Preço produtor R\$/60Kg	35,09	36,27	26,39	22,81	32,90	34,31	24,06	19,48	38,74	40,21	30,66	25,75
Margem R\$/60Kg	22,29	18,05	6,73	0,45	20,02	16,55	4,38	-2,32	27,2	24,12	13,54	7,78

Fonte: CONAB, 2006.

Percebe-se também na tabela 03, a evolução na diferença do preço de mercado ao produtor entre os estados, influenciado, principalmente pelo custo do frete e este influenciado pelo custo do óleo diesel. Na safra 2002/2003 a diferença entre o preço praticado no PR e MT era de R\$ 5,84, na safra 2003/2004 a diferença era de R\$ 5,90, na safra de 2004/2005 era de R\$ 6,60 e na safra 2005/2006 era de R\$ 6,27.

A projeção da safra 2004/2005 era de 129,8 milhões de toneladas, mas os problemas climáticos no sul e em algumas regiões do centro-oeste reduziram a produção para 113,5 milhões de toneladas. Apenas na soja foram 10 milhões a menos. A queda de produção afeta a geração de receitas e, conseqüentemente, a economia da região e dos municípios. Economia aqui, pode ser definida como uma ciência social que estuda como o indivíduo e a sociedade decidem utilizar recursos produtivos escassos, na produção de bens e serviços, de modo a distribuí-los entre as várias pessoas e grupos da sociedade, com a finalidade de satisfazer às necessidades humanas (VASCONCELLOS, 2002).

3. MATERIAL E MÉTODO

O presente estudo parte do pressuposto de que a crise no agronegócio afeta coercitivamente as economias dos municípios em estudo (níveis de emprego, geração de rendas, taxa de inadimplência e outros). Os administradores tendem a se adaptar a nova contextualização, sendo pressionados a reverem seus processos.

Para atingir os objetivos propostos para este trabalho foram levantados dados dos municípios matogrossenses de Campo Verde, Paranatinga e Primavera do Leste, localizados na região sudoeste do estado.

3.1. Material

Este trabalho foi conduzido em três municípios matogrossenses, cujas economias apresentam algumas características comuns: são municípios relativamente jovens, com características climáticas semelhantes e a economia baseada fundamentalmente no agronegócio. Os municípios escolhidos para a caracterização do estudo foram: Campo Verde, Paranatinga e Primavera do Leste. O critério de escolha foi a proximidade dos municípios e a característica da economia.

Para fins de análise efetuou-se entrevistas semi-estruturadas utilizando um roteiro pré-estabelecido (anexo I) com os gestores de 14 empresas e autarquias. Os empresários e/ou dirigentes foram escolhidos intencionalmente, ou seja, os setores de materiais para construção, móveis e eletrodomésticos, vendas e locação de imóveis, prestadores de serviços e órgãos públicos, onde se procurou identificar os efeitos da crise do agronegócio nos municípios citados.

3.1.1. Prefeituras municipais

MUNICÍPIO DE CAMPO VERDE

- Localizada na Praça dos Três Poderes, 02 - Bairro Campo Real II - Campo Verde - MT - CEP: 78.860-000.

MUNICÍPIO DE PARANATINGA

- Localizada Avenida Brasil, 36 - Centro - Paranatinga - MT - CEP: 78.867-000.

MUNICÍPIO DE PRIMAVERA DO LESTE

- Localizada na Rua Maringá, 444 - Centro - Campo Verde - MT - CEP: 78.850-000.

3.1.2. Empresas

DEPÓSITO CAMPO VERDE

- Empresa do ramo de comercialização de materiais para construção. Localizada na Rua Curitiba, 633 - Centro - Campo Verde - MT - CEP: 78.860-000.

MARTINS – MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

- Empresa do ramo de comercialização de materiais para construção. Localizada na Avenida Brasil, 1228 - Centro - Paranatinga - MT - CEP: 78.870-000.

SACHET MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

- Empresa do ramo de materiais de construção. Localizada na Rua Minas Gerais, 111 - Centro - Primavera do Leste - MT - CEP: 78.850-000.

IMOBILIÁRIA LIDERANÇA

- Empresa do ramo de comercialização e locação de imóveis (imóvel rural, urbano). Localizada na Rua Juscelino Kubitschek, 363 - Jardim Campo Verde – Campo Verde – MT – CEP: 78.860-000.

IMOBILIÁRIA PARANATINGA

- Empresa do ramo de comercialização e locação de imóveis (imóvel rural, urbano). Localizada na Rua Dão Pedro II, 8 - Centro - Paranatinga - MT - CEP: 78.870-000.

EDÍLIO IMÓVEIS

- Empresa do ramo de comercialização e locação de imóveis (imóvel rural, urbano). Localizada na Avenida Cuiabá, 550 - Centro - Primavera do Leste - MT - CEP: 78.850-000.

MOVEIS GAZIN

- Empresa do ramo comercial que atua na venda de móveis e eletrodomésticos. Localizada na:
 - Avenida Brasil, 1200 – Centro - Paranatinga - MT - CEP: 78.870-000.
 - Rua João Pessoa, 728 - Centro – Campo Verde – MT – CEP: 78.860.000.
 - Avenida São João, 227 - Centro - Primavera do Leste - MT - CEP: 78.850-000.

ZOOFORT AGRÍCOLA

— Empresa do ramo agropecuário que atua nas áreas de comercialização de grãos, insumos agrícolas e fabricação de rações. Localizada na:

- Rua Atílio Fontana, 457 – Jardim Campo Verde – Campo Verde – MT – CEP: 78.860.000.
- Avenida das Indústrias, 280 – Distrito Industrial - Primavera do Leste - MT - CEP: 78.850-000.

CÂMARA DOS DIRIGENTES LOJISTAS – CDL

— Empresa do ramo de prestação de serviços que atende aos municípios de Campo Verde, Paranatinga e Primavera do Leste. Localizada na Rua Minas Gerais, 190 - Centro - Primavera do Leste - MT - CEP: 78.850-000.

PINESSO – PEÇAS E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS

— Empresa do ramo de comercialização de tratores, peças e implementos agrícolas. Localizada na:

- Avenida Brasil, 36 – Centro – Campo Verde – MT – CEP: 78.860.000.
- Rodovia BR 070, km 280 – Distrito Industrial - Primavera do Leste - MT - CEP: 78.850-000.

SINE / MT

— Órgão do ramo de prestação de serviços que atua na intermediação de mão-de-obra, emissão de carteira de trabalho, e recepção do seguro desemprego, atendendo aos municípios de Campo Verde, Paranatinga e Primavera do Leste. Localizada na Avenida Cuiabá, 219 - Centro - Primavera do Leste - MT - CEP: 78.850-000.

3.2. Método

O presente estudo caracteriza-se como um estudo múltiplo de casos do tipo seccional, metodologia que permite estabelecer relações entre as categorias analíticas e verificar as condições em que tais relações se estabelecem (RICHARDSON, 1999). O método de estudo de casos com ênfase na pesquisa exploratória-qualitativa, aconselha a multiplicidade de recursos, pois abrange a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do tema em estudo (TRIVIÑOS, 1987). O mesmo se desenvolveu em interação dinâmica, utilizando-se de documentos e entrevistas. Portanto, se limita ao estudo em profundidade da realidade de três municípios matogrossenses num período de sua história, nos anos de 2003 a 2005.

A coleta de dados foi efetuada por meio de entrevista semi-estruturada junto às empresas, órgãos e autarquias envolvidas com o agronegócio. A mesma foi direcionada na medida em que surgiram novas informações. Elas deram subsídio ao estudo, assim, considerou-se que esta foi a técnica primordial para o levantamento dos dados coletados.

Para a consecução deste estudo, os dados foram também coletados por meio de pesquisa documental, entrevistas e observação não participante, e a entrevista semi-estruturada com base num roteiro pré-estabelecido foi desenvolvida de acordo com os objetivos desta e fizeram parte das fontes primárias.

3.3. Limitações do estudo

O método do estudo de caso apresenta como maior limitação a impossibilidade de generalização de seus achados para as demais empresas do setor. A projeção dos achados da amostra para a população é chamada de inferência estatística, o que não pode ser feito no estudo de caso. Este método permite a descoberta de relações que não seriam encontradas de outra forma,

sendo as análises e inferências em estudos de casos feitas por analogia de situações, respondendo, principalmente às questões “por que e como”. Apesar desta séria limitação de ordem estatística, esse método é considerado proveitoso, pois contém alguns vieses de percepção do entrevistador, tanto na fase de coleta quanto de análise de informações (YIN, 2001).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Caracterização dos municípios

4.1.1. Campo Verde - MT

O município de Campo Verde, localiza-se a uma latitude 15°32'48" Sul e a uma longitude 55°10'08" Oeste, estando a uma altitude de 736 metros. Possui uma área de 4811,71 km², tornou-se município em 04 de julho de 1988.

O município tem cerca de 25.000 habitantes, é o maior produtor de algodão em pluma do país, de ovos comerciais do centro-oeste e de frangos de corte do estado de Mato Grosso. Além disso, o município é grande produtor de carne suína, sementes fiscalizadas e grãos como soja, milho e arroz com uma área cultivada de mais de 300 mil hectares ano. O município está estrategicamente localizado a 130 Km de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, a 150 Km de Rondonópolis, a 100 Km de Primavera do Leste e fica próximo ao entroncamento da BR 070 que liga a Goiânia e Brasília, com a BR 364, que liga Campo Grande e São Paulo (PREFEITURA MUNICIPAL, 2006a).

4.1.2. Paranatinga – MT

O município de Paranatinga, localiza-se nas seguintes coordenadas: 14° 26' 28" latitude sul 54° 26' 18" Oeste GR, estando a uma altitude de 600 metros.

Possui uma área de 24.322,55 km², tornando-se município em 1979, e uma população estimada em 20.000 habitantes. Encontra-se localizado a 368,80 km de distância da capital Cuiabá, no entroncamento da MT 130 e da MT 020. O clima é tropical quente e úmido com 3 meses de seca, de junho a agosto; precipitação anual de 1.500 mm, com intensidade máxima em dezembro, janeiro e fevereiro; temperatura média anual: 22°C, com maior máxima 38°C (VSP, 2006). O município originou-se da exploração de jazidas de diamantes e, após seu esgotamento, passou a desenvolver atividades voltadas para a agricultura e pecuária, as quais promoveram o desenvolvimento do município e da região.

4.1.3. Primavera do Leste – MT

O município de Primavera do Leste, localiza-se a uma latitude 15°33'32" Sul e a uma longitude 54°17'46" Oeste, com uma altitude de 465 metros, e área de 5491,85 km². O município foi emancipado no dia 13 de maio de 1986 e, destaca-se uma economia baseada pela agricultura forte, a qual é a 5ª do Estado. Localizada no sudeste de Mato Grosso e, possui uma população de 60.000 habitantes (PREFEITURA MUNICIPAL, 2006b). O aeroporto guarda 75 aviões de pulverização agrícola, a maior concentração de aeronaves desse tipo do país e uma das maiores do mundo. Os 3 mil tratores, as 1,5 mil colheitadeiras e os 230 engenheiros agrônomos registrados no município são a prova de que o município é uma potência agrícola.

4.2. Receitas municipais

Ao analisar os dados da arrecadação municipal dos municípios em estudo percebeu-se que as principais fontes de receitas dos municípios sofreram reduções. Na figura 11, verifica-se que a receita tributária do município de Campo

Verde vinha de um aumento em 2004 em relação a 2003 de 41,5% sofrendo uma redução de 5% em 2005. Por sua vez, as transferências de capital, tiveram um aumento de aproximadamente 56,5% em 2004 com relação a 2003, sofrendo redução de 29,8% em 2005 com relação a 2004, ficando praticamente no mesmo patamar do ano de 2003.

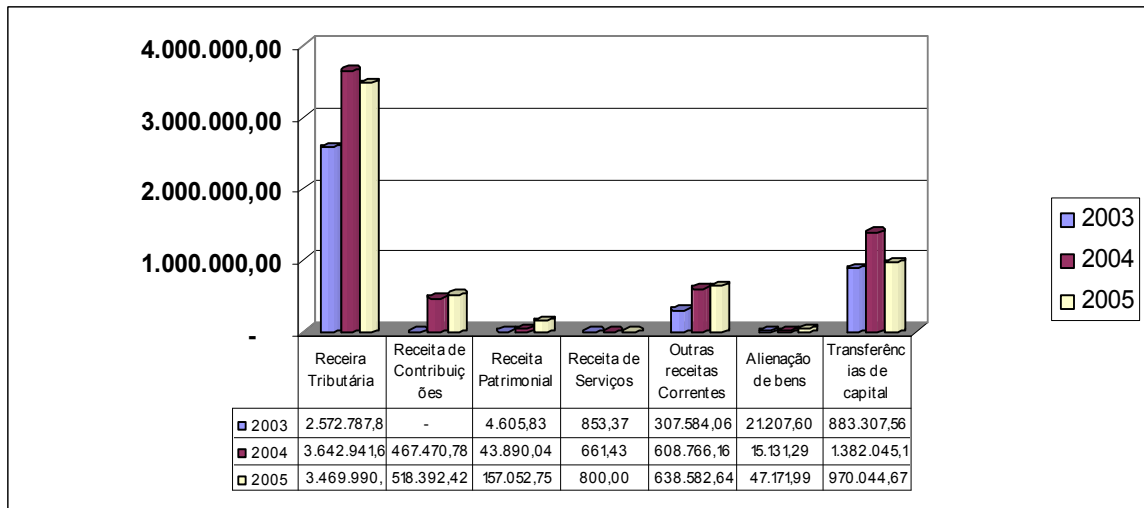


Figura 11 – Evolução das receitas do município de Campo Verde - 2003 a 2005.

Fonte: Prefeitura Municipal de Campo Verde, 2006.

Embora a receita total do município tenha aumentado em torno de 7,3% de 2004 para 2005, percebe-se que o ritmo de crescimento fora muito inferior ao que vinha apresentando no ano 2004. Em relação a 2003 a arrecadação havia crescido em torno de 30,3%.

No município de Paranatinga, percebeu-se (figura 12), que a receita tributária sofreu redução de 21,46% em 2005 em relação a 2003. As receitas referentes às contribuições sofreram reduções de 56,67% em 2005 em relação a 2004, permanecendo praticamente no mesmo patamar do ano de 2003.

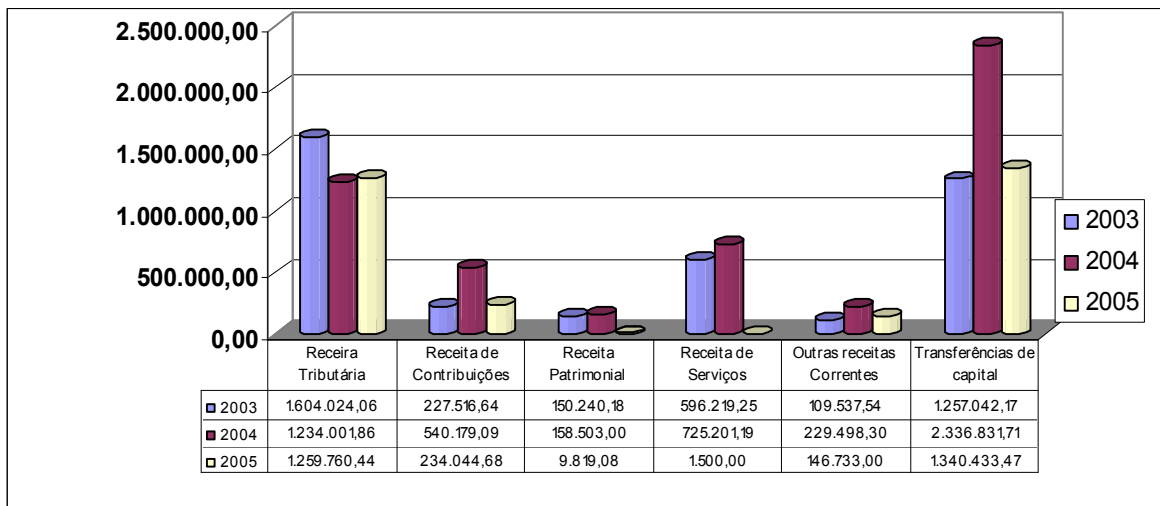


Figura 12 – Evolução das receitas do município de Paranatinga - 2003 a 2005.

Fonte: Prefeitura Municipal de Paranatinga, 2006.

Embora a receita total do município tenha aumentado 4% de 2004 para 2005, percebe-se que o ritmo de crescimento em 2004, fora inferior em relação a 2003, na qual a arrecadação havia crescido em torno de 38%.

Conforme a figura 13, a receita tributária do município de Primavera do Leste, sofreu redução de 0,7% em 2005 em relação a 2004. Já, as receitas de contribuições sofreram uma redução de 38,93% em 2005 em relação a 2004, e, as demais receitas correntes, tiveram uma redução de 32,69% em 2005 com relação a 2004. Porém, em 2005, aumentos significativos foram percebidos nas receitas patrimoniais (188%) e nas transferências correntes (4,45%), em relação a 2004. Este ritmo foi inferior aos 21,89% registrados em 2004 se comparado a 2003 (as contas do município de 2005 ainda não foram aprovadas pelo Tribunal de contas).

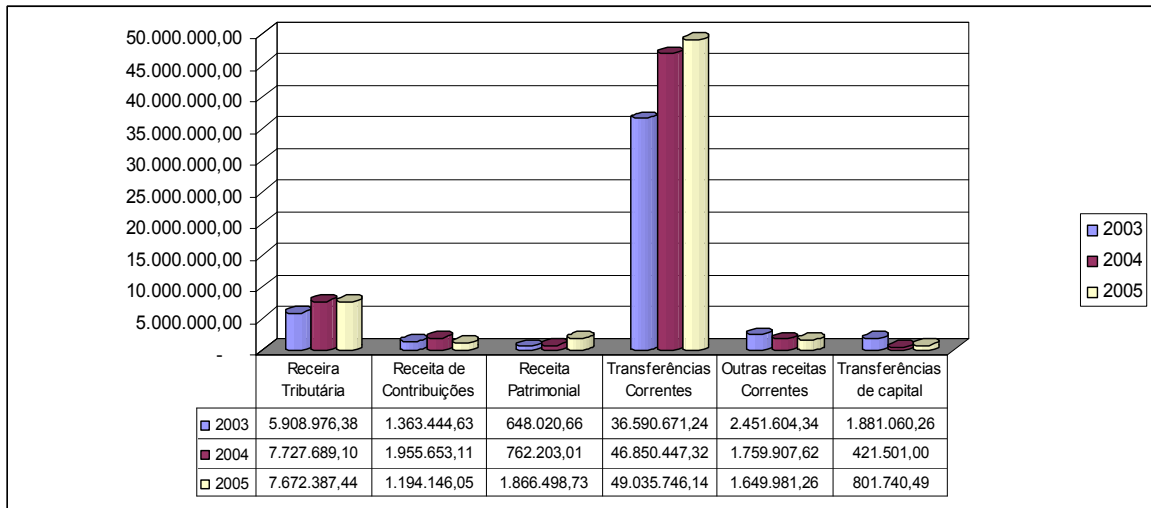


Figura 13 – Evolução das receitas do município de Primavera do Leste - 2003 a 2005.

Fonte: Prefeitura Municipal de Primavera do Leste, 2006.

Embora, a receita total do município tenha aumentado em torno de 0,7% de 2004 para 2005, percebe-se que o ritmo de crescimento fora muito inferior ao que vinha apresentando, visto que no ano 2004 em relação a 2003 a arrecadação havia crescido em torno de 18,26%.

4.3. Despesas municipais

No que tange as despesas percebeu-se que os municípios também tiveram de fazer a adequação dos gastos de acordo com as receitas.

O município de Campo Verde, vinha de um aumento de 41,21% em 2004 e apresentou uma redução nas despesas na ordem de 2,64% em 2005, conforme se pode observar na figura 14.

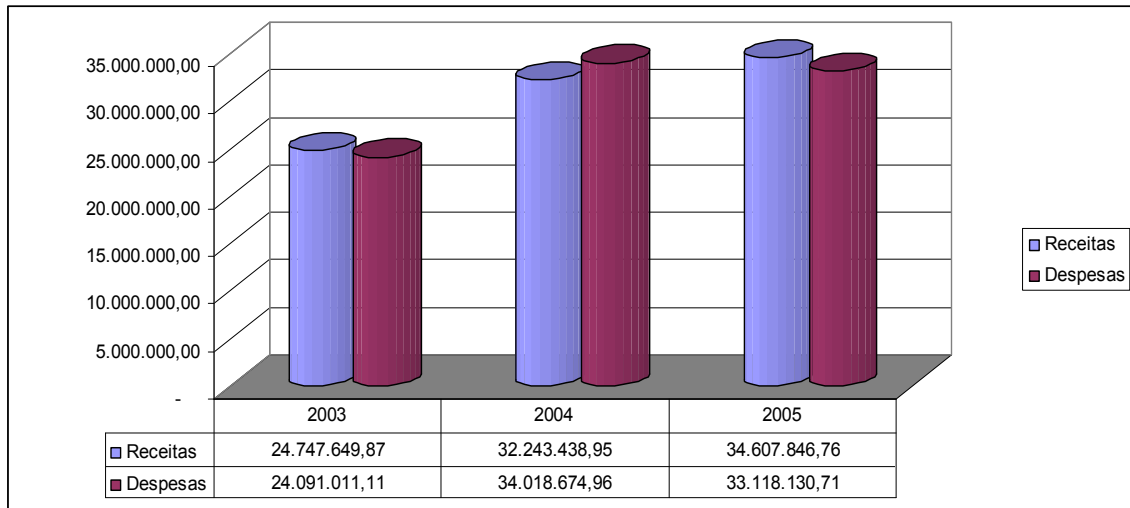


Figura 14 – Comparativo das receitas e despesas do município de Campo Verde - 2003 a 2005.

Fonte: Prefeitura Municipal de Campo Verde, 2006.

Por sua vez, o município de Paranatinga, também teve de se adequar, visto que, de um aumento de 26,61% em 2004, passou a apresentar uma redução nas despesas da ordem de 2,21% em 2005, conforme figura 15.

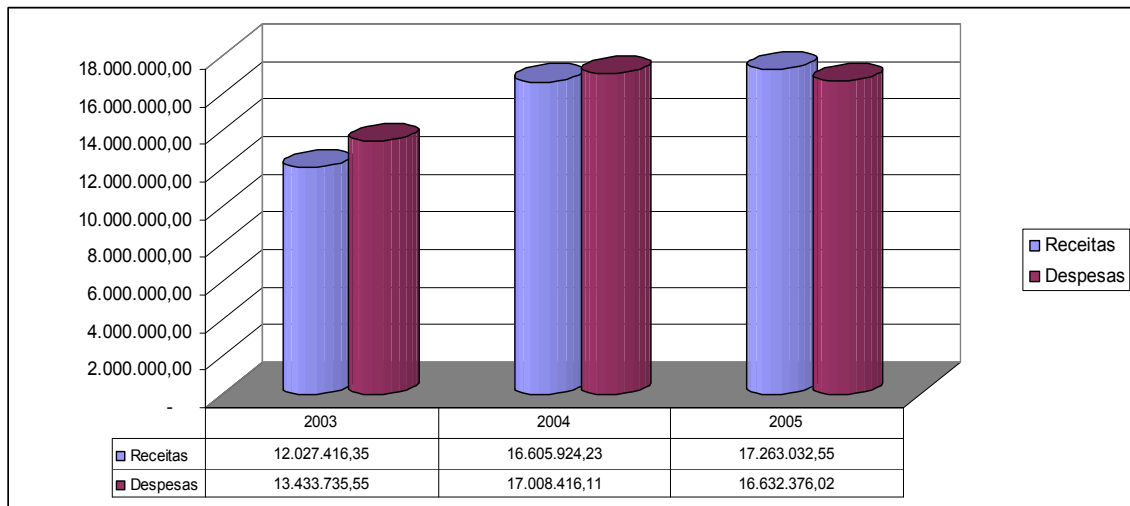


Figura 15 – Comparativo das receitas e despesas do município de Paranatinga - 2003 a 2005.

Fonte: Prefeitura Municipal de Paranatinga, 2006.

Também o município de Primavera do Leste, adequou os gastos às receitas, visto que, de um aumento de 18,93% em 2004 apresentou uma redução nas despesas na ordem de 7,11% em 2005, conforme figura 16:

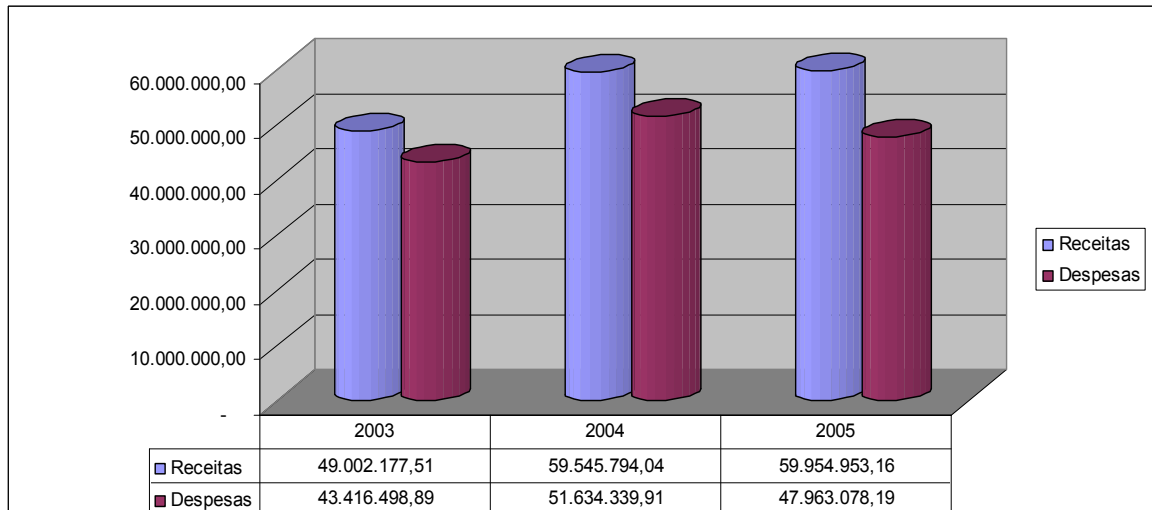


Figura 16 – Comparativo das receitas e despesas do município de Primavera do Leste - 2003 a 2005.

Fonte: Prefeitura Municipal de Primavera do Leste, 2006.

4.4. Materiais de construção

O empresário, um dos entrevistados do ramo de materiais de construção do município de Campo Verde, afirmou que a empresa teve queda de faturamento em relação a 2004 de 50% e, por outro lado, a inadimplência aumentou em torno de 50%. Afirmou ainda, "... que mesmo aqueles clientes que pagavam as contas normalmente, não estão pagando, virou uma corrente, um vai atrás do outro".

Outra empresária, do mesmo ramo de materiais de construção do município de Paranatinga, argumentou que "... desde que possui comércio, estes anos estão sendo os mais difíceis (2005 e início de 2006), quem tem gado não consegue vender, quem planta não cobre os custos". "Todos sonham em ter uma casa, mas no momento em que as coisas estão difíceis a construção é a primeira a parar". As vendas caíram cerca de 50%, é o setor que mais está sentindo o efeito da crise, o supérfluo. Por outro lado, a inadimplência aumentou 25%, às vezes até sem

cobrar juros não tem como receber. Aqueles que não têm histórico de mal pagador usam o “modismo” para não pagar. “Pessoas que têm condições estão usando a crise para não pagar”. “Estamos segurando, não vendendo parcelado, não abrindo cadastros, aumentando o critério de concessão de crédito para não levar calote”.

A empresa do município de Primavera do Leste, cresceu 21,37% em termos de faturamento no ano de 2004 em relação a 2003. Em 2005, em relação a 2004, ela apresentou queda de faturamento de (-)27,40%, afirmou o empresário do ramo de materiais de construção. Estes números, segundo o empresário, “ainda não representam a realidade, pois a rentabilidade da empresa caiu cerca de 50%, devido a queda do faturamento ser maior do que a baixa nos custos”.

4.5. Imóveis

Uma corretora de imóveis de Campo Verde, argumentou que 2004 foi “o melhor ano e, a partir daí, os negócios começaram a cair, aumentando a oferta de casas, logo, diminuindo o valor dos imóveis cerca de 10 a 15 %”. O valor dos aluguéis também caiu de 35 a 40 %, principalmente dos aluguéis mais altos, pois “as pessoas estão saindo de aluguéis mais altos para aluguéis mais baixos”, explicou a entrevistada. A inadimplência também aumentou no setor.

Outro corretor de imóveis do município de Paranatinga, afirmou que “uma fazenda, que em 2004 valia R\$ 3.000,00 o hectare, hoje está sendo vendida por R\$ 1.000,00/ha”. Em adição, as pessoas que compraram fazendas estão tendo de devolver. Informou ainda que a própria imobiliária possui um loteamento - Jardim Paraíso -, no qual negocia lotes por R\$ 10.000,00, sendo que este valor hoje, não chega a R\$ 5.000,00. Ainda segundo o corretor, “os aluguéis caíram, principalmente os residenciais, as casas que antes eram alugadas por R\$ 1.000,00, hoje são alugadas por R\$ 600,00”. “O setor está paralisado, ninguém compra e ninguém vende, as fazendas estão à venda e ninguém quer comprar”.

“As pessoas investem quando têm uma sobra de recursos [...], nós vínhamos num ritmo bastante acelerado de crescimento, sabemos que existe uma

linha, quando a gente percebe que esta linha subiu demais, 2002, 2003, 2004, e em 2005 eu já tinha me precavido, pois sabíamos que esta linha tinha de cair” afirmou a empresária do ramo imobiliário no município de Primavera do Leste. “A gente se preveniu, de certa forma, não sentimos muito, mas em média o volume de negócios caíram uns 20 a 30%”.

A empresária destaca também, que por outro lado,

“... a venda está sendo feita, mas com muito mais trabalho, as vendas tornaram-se mais difíceis, tivemos uma queda também no valor do aluguel dos imóveis, tive muitas pessoas que devolveram o imóvel, porque perderam o emprego ou devolveram para ir para um aluguel mais barato devido a queda na renda. Foram dois fatores que contribuíram para esta redução, pois estávamos em um ritmo de crescimento das construções muito grande, quando vem esta crise resultou nesta queda aumentou a oferta e diminuiu a procura”.

4.6. Móveis e eletrodomésticos

O gerente da loja Móveis Gazin (município de Campo Verde), argumentou que a loja teve queda no faturamento em relação a 2004 de 42% e aumento da inadimplência em 50%. Para se adequar a empresa está revendo as metas e adotando mais critérios para concessão de crédito.

Outro gerente, da mesma loja no município de Paranatinga, afirmou que o estabelecimento teve queda no faturamento em relação a 2004 de 30% e a inadimplência aumentou em 18%. “As vendas de hoje são bem feitas, pois a empresa está aumentando o rigor na concessão de critérios”.

A loja vinha crescendo em média 20%, mas a partir de 2005 este cenário mudou, ao invés de crescer, retroagimos 20%, afirmou o gerente da mesma loja no município de Primavera do Leste. “O poder de compra do morador de Primavera do Leste diminuiu, hoje a loja trabalha dentro da média nacional de inadimplência, mas isto não quer dizer que estamos bem, o que ocorre é que está média subiu muito na empresa como um todo”.

4.7. Compra e venda de produtos e insumos agropecuários

Um diretor comercial do ramo agropecuário dos municípios de Primavera do Leste e Campo Verde, afirmou que a empresa em que atua apresentou crescimento no ano de 2004, em relação a 2003, de 90%. Por outro lado, no ano de 2005, em relação a 2004, a empresa apresentou resultado negativo de (-) 25%, além disso, a inadimplência que era de 05 a 10%, em 2004 subiu para 30 a 40% em 2005, mesmo depois de a empresa rever os seus critérios para a concessão de créditos.

4.8. Comercialização de peças, máquinas e implementos agrícolas

O Gerente da Pinesso, unidades de Primavera do Leste e Campo Verde, relatou que a empresa hoje conta com 14 funcionários, mas já teve 21. E vinha crescendo de 1999 até 2004, chegando a dobrar o faturamento. Entretanto de 2004 para 2005 o faturamento caiu em torno de 30% e, na safra 2005 para 2006, voltou a cair em torno de 70%. No setor agrícola, muitas lojas estão fechando, ficando somente o atendente e o gerente. Em termos de inadimplências, “não fomos muito afetados, pois a grande maioria da vendas está atrelada a um banco e com isso o problema passa a ser do banco”. “O que nós fazemos no máximo é repassar algumas informações para o banco”.

4.9. Prestação de serviços

O secretário executivo da CDL dos municípios de Campo Verde, Paranatinga, Primavera do Leste, afirmou que o volume de atendimentos prestados pela Câmara tem aumentado em uma proporção maior do que o volume de

negativações. Ele afirma que as lojas estão preocupadas em vender para se desfazer dos estoques e por isso, muitas vezes optam por não negativar os clientes, o que, segundo ele, vai gerar problemas para frente.

A coordenadora do Posto do SINE dos mesmos municípios argumentou que a evolução na procura do órgão foi de 5,58% de 2003 (23.387) para 2004 (24.691) e de 36,36% de 2004 para 2005 (33.668). Argumentou ainda que, 2006 está caminhando no mesmo sentido, pois de janeiro a junho (18.385). Se olharmos as vagas captadas pelo SINE, em 2005 (1.799) foram captadas um volume 37,90% inferior a 2004 (2.897), por outro lado, as requisições de seguros desemprego em 2005 (3.640) aumentaram 26,35% em relação ao ano de 2004 (2.881) e, se olharmos o acumulado de 2006 até o mês de junho já foram emitidas 1.788 requisições de seguros desemprego.

4.10. Discussão

Verificou-se com base nos dados levantados, nos documentos analisados e nas entrevistas efetuadas, que as economias dos municípios sentiram o efeito da crise do agronegócio de forma similar. Porém, algumas pequenas diferenças foram verificadas. Essas diferenças referem-se ao fato de que as situações financeiras e a composição da economia destes municípios não são homogêneas, possuindo particularidades.

4.10.1. Município de Campo Verde

O município de Campo Verde, sofreu alguns efeitos da crise do agronegócio em sua economia, como a queda nas vendas das empresas que oscilaram entre 35% e 70%. O aumento no índice de inadimplência também foi percebido, forçando as empresas a adotarem políticas mais rigorosas de concessão

de crédito, a reverem suas estruturas para se adequarem a esta nova situação, ou seja, tornando seus quadros mais enxutos, reduzindo investimentos, entre outras medidas. Porém, no caso de Campo Verde, a arrecadação municipal não foi afetada, devido ao fato de possuir uma unidade da Sadia, bem como várias granjas que abastecem a unidade, fato este que manteve a receita do município. Mesmo assim, constatou-se que o ritmo de crescimento sofreu desaceleração, caindo de 30% para 7%. A diversidade da economia do município fez com que a crise não tivesse efeito ainda mais devastador. No entanto, alguns setores foram mais afetados, tais como: vendas de máquinas e equipamentos agrícolas e o setor de construção civil.

4.10.2. Município de Paranatinga

Assim como o município de Campo Verde, o município de Paranatinga também sofreu os efeitos da crise do agronegócio em sua economia. As quedas nas vendas das empresas oscilaram entre 30 e 70%, além do aumento no índice de inadimplência, o que forçou as empresas a adotarem políticas mais rigorosas de concessão de crédito e a reverem suas estruturas para se adequarem a essa nova situação. No caso de Paranatinga, a arrecadação municipal não sofreu queda em 2005, em relação a 2004, pelo contrário cresceu 4%, porém, sofreu drástica redução no ritmo de crescimento, pois em 2004 havia crescido 38%. Esse crescimento se deve ao fato de o município possuir um Frigorífico e não ter tido problemas na exportação de seu produto como muitos da região. Contudo, setores como imóveis e construção civil, sentiram mais fortemente os efeitos da crise do agronegócio.

4.10.3. Município de Primavera do Leste

O município de Primavera do Leste, também sofreu com a crise do agronegócio. A queda nas vendas das empresas oscilaram entre 25 e 70%, e, como consequência, aumentou o índice de inadimplência, fato que forçou as empresas a adotarem políticas mais rigorosas de concessão de crédito e, a reverem suas estruturas. Esta nova situação levou as empresas de Primavera do Leste a enxugar seus quadros de funcionários e a reduzir seus investimentos.

Como nos demais municípios investigados, o efeito da crise foi ainda mais forte nos setores ligados ao agronegócio, como no caso da comercialização de máquinas e implementos agrícolas, construção civil e comercialização de imóveis.

4.10.4. Considerações finais

Embora os municípios sejam diferentes em alguns aspectos como população, arrecadação, Produto Interno Bruto e extensão territorial, algumas semelhanças foram constatadas na análise dos dados obtidos. Entre elas, pode-se citar, o aumento da taxa de desemprego e inadimplência; diminuição das vendas; redução no valor dos imóveis, dos aluguéis, dos gastos públicos e no ritmo de crescimento.

Constatou-se também que os setores que lidam com produtos que não são de primeira necessidade sentiram mais o efeito desta crise, tais como: os aluguéis e os imóveis mais valorizados, bem como as empresas que comercializam máquinas e equipamentos agrícolas.

Com base nas entrevistas realizadas as opiniões foram unânimes em apontar que existe uma crise instalada devido ao problema enfrentado pelo agronegócio. Os municípios de Campo Verde e de Paranatinga atenuaram os efeitos em suas economias devido à diversificação iniciada nesses municípios. No caso de

Paranatinga com a instalação de um frigorífico e de Campo Verde, com a instalação de granjas.

Percebeu-se também que os reflexos nos tributos ligados as transferências federais não sofreram os reflexos diretos da crise devido o fator de distribuição da arrecadação estar, em alguns casos, ligados à população do município e não a sua arrecadação.

A crise no agronegócio, que teve seu epicentro na safra 2004/2005, plantada com os custos cotados com o dólar a R\$ 3,20, em média, e colhida com o dólar a R\$ 2,15 na cotação máxima, criou um rombo de mais de R\$ 6 bilhões para os produtores de Mato Grosso. Uma dívida que, para ser resgatada, exigirá 10 anos de produção crescente, preços em elevação e uma política de preços mínimos e de seguros confiáveis contra perdas por intempéries. Neste cenário, agricultores, comerciantes, trabalhadores e autoridades municipais, estaduais e federais, garantem que os efeitos e desdobramentos da crise, espalham-se pelos demais setores da atividade produtiva.

Ainda que a crise tenha atingido com maior ou menor intensidade as várias regiões produtoras de Mato Grosso, o que se constatou nos três municípios estudados reflete em grande parte o que acontece no Estado como um todo, em função de todos os municípios terem ligações fortes com o agronegócio. Como demonstrado, as vendas no comércio caíram, as demissões se avolumaram, o desemprego tomou proporções drásticas

5. CONCLUSÕES

As análises efetuadas permitem concluir que:

1. as receitas municipais não sofreram redução em relação ao ano de 2004 (ápice do crescimento), registrando-se apenas uma redução nos índices de crescimento.
2. no comércio o efeito da crise foi drástico, com aumento nos índices de desemprego. Além de redução nas vendas houve um aumento na inadimplência, mesmo com as empresas aprimorando seu sistema de concessão de crédito.
3. existe semelhança nos efeitos sofridos pelos municípios: aumento da inadimplência, diminuição das vendas, redução na arrecadação pública e também diminuição dos gastos públicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRONLINE. **Crise de renda no setor rural derruba PIB da agropecuária.** Disponível em: <<http://www.agronline.com.br>>. Acesso em: maio de 2005.

APROSOJA - **Associação de Produtores de Soja de Mato Grosso.** Disponível em <<http://www.aprosoja.com.br/index.php>> Acessado em julho de 2006.

ARAÚJO, M. J. **Fundamentos de agronegócios.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520:** apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR14724:** informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

_____. **NBR 6023:** informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6024:** informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6027:** informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6028:** informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de janeiro, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BEINSTEIN, J. **Pensar a decadência**: O conceito de crise em princípios do século XXI. GalizaCig / Actualidade: Santiago, 2005. Disponível em <<http://www.galizacig.com/actualidade/200504>> acessado em outubro de 2006

BAER, W.. **A economia brasileira**. São Paulo: Nobel 2002.

BERTALANFFY, L. V.. **Teoria geral dos sistemas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

BRANDÃO, A. S. P.; REZENDE, G. C. de; MARQUES, R. W. C. **Crescimento agrícola no período 1999/2004: a explosão da soja e da pecuária bovina e seu impacto sobre o meio ambiente**. Econ. Apl. v.10 n.2 Ribeirão Preto abr./jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-80502006000200006&lng=es&nrm=&tlng=pt>. Acesso em: 5 out. 2006.

BRANDÃO, G. E.; MEDEIROS, J. X. Programa de C & T para o Desenvolvimento do Agronegócio - CNPQ. In: **Agronegócio Brasileiro**; Ciência, Tecnologia e Competitividade. Brasília: CNPq, 1998.

BRASILEIRO, A. M. **O município como sistema político**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1973.

BRUM, A J. **Desenvolvimento econômico brasileiro**. Ijuí: Unijuí, 2002.

CALLADO, A. A. C., **Agronegócio**. São Paulo: Atlas, 2006.

CHURCHMAN, C. W. **Introdução à teoria dos sistemas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

CITYBRAZIL. **Município brasileiros**. Disponível em: <<http://www.citybrazil.com.br/mt/paranatinga/>>. Acesso em: mar. 2006.

CONAB – **Companhia Nacional de Abastecimento**. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br/>>. Acesso em: jul. 2006.

CNA – **Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil**. Disponível em: <<http://www.cna.org.br/cna/index.wsp>>. Acesso em: maio 2005.

CUNHA, J. M. P. **Dinâmica migratória e o processo de ocupação do Centro-Oeste brasileiro: o caso de Mato Grosso**. R. bras. Est. Pop., São Paulo, v. 23, n. 1, p. 87-107, jan./jun. 2006

DALL'AGNOL, A. **Soja: um negócio da China para o Brasil**. Disponível em <http://www.agrolink.com.br/colunistas/pg_detalhe_coluna.asp?Cod=1631> Acesso em jul de 2006.

ECONOMIA. **Conceitos de economia**. Disponível em: <http://www.economiabr.net/teoria_escolas/index.html>. Acesso em: mar. 2006.

FAMATO - **Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Mato Grosso**. Disponível em: <<http://www.famato.org.br/index2.php>>. Acesso em: jul. 2006.

FORTUNA, E. **Mercado financeiro**. Rio de Janeiro: Qualitymark. 2005

FURTADO, M. B. Síntese da economia brasileira. Rio de Janeiro: Ltc, 2000.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: nov., 2001.

ÍCONE - Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais. **Balança Comercial Agronegócio**. Disponível em: <http://www.iconebrasil.org.br/Apresentações/GM%20Agrobrasil%202005%20Jank_Ago05.pdf>. Acesso em: jul. 2006.

IMEA - **Instituto Mato-grossense de Economia Agrícola**. Disponível em: <<http://www.famato.org.br/index2.php?pagina=imea>>. Acesso em: jul. 2006.

IBGE, Diretoria de pesquisas, Coordenação de Agropecuária, **Produção Agrícola Municipal, 2004**. Disponível em <http://www.ibge.com.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=498&id_pagina=1>. Acesso em: out. 2006.

KATZ, D.; KAHN, R. L. **Psicologia social das organizações**. São Paulo: Atlas, 1974.

MANDEL, E. **Introdução ao marxismo**. Porto Alegre: Movimento, 1978

MENEGHETI, G. Ciclo interrompido. n. 154, **Revista Produtor Rural**. Cuiabá, 2006.

NOGUEIRA, D. **Secretario de agricultura e abastecimento - SP**. Entrevista exibida pelo canal terraviva em: maio de 2005.

OLIVEIRA, E. B. **Uma contribuição para a busca de meios alternativos de comercialização para os produtores de soja da região oeste do Paraná.** Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

PAGINARURAL. **Crise no Campo: produtores colocam máquinas na rua.** Disponível em: <<http://www.paginarural.com.br>>. Acesso em: maio de 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL. **Historia do município.** Disponível em: <<http://www.campoverde.mt.gov.br/acidade/historia.php>>. Acesso em: mar. 2006a.

_____. **Historia do município.** Disponível em: <<http://www.primaveradoleste.mt.gov.br/acidade/historia.php>>. Acesso em: mar. 2006b.

PRODUTOR RURAL. **O ano sem fim: crise no campo marca 2005 e invade 2006 sem solução à vista.** Revista. Edição 154. Cuiabá, 2006.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELLOS, M. A. **Economia: micro e macro.** In: _____. **Economia: micro e macro.** 3.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

VETTORATO, C. O “tsunami” no agronegócio. **Revista Produtor Rural.** Edição 154. Cuiabá, 2006.

VSP. **Cidades.** Disponível em: <<http://www.vsp.com.br/cidades/historia.php?cidade=ptg>>. Acesso em: mar. 2006.

SILVA, C. R.; LUIZ, S. **Economia e Mercados.** 15. ed. São Paulo: Saraiva 1996.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. **Economia e gestão dos negócios agroalimentares.** São Paulo: Pioneira, 2000.

ROESSING, A. C.; VIEIRA, R. C. M. T.; LIMA, J. R.; OLIVEIRA, A. J.; ALMEIDA, F. A. **Cadeias produtivas no Brasil: análise da competitividade – Cadeia produtiva da Soja**. Brasília. Embrapa – Secretaria de Administração estratégica, 2001.

WIKIPÉDIA. **Estado brasileiro**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Estado_brasileiro>. Acesso em: 5 out. 2006.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista



UNIVERSIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO E DA REGIÃO DO PANTANAL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO E GESTÃO AGROINDUSTRIAL

1 Identificação do entrevistado:

- Nome: _____
- Cargo/função: _____
- Tempo na empresa: _____
- Tempo de função: _____ Escolaridade: _____
- Experiência no seguimento: _____

2 Identificação da empresa

a) Dados Históricos

- Por favor, faça um breve histórico da sua empresa.

b) Houve alteração no faturamento de sua empresa com a Crise no agronegócio?

() Sim () não

1. Qual o faturamento da empresa no ano de 2003? _____
2. Qual o faturamento da empresa no ano de 2004? _____
3. Qual o faturamento da empresa no ano de 2005? _____

Caso tenha ocorrido mudança no faturamento, ao que o Sr. atribui esta mudança e cite alguns efeitos?
